

Quando Abril amanheceu, a esperança de muitos homens e mulheres deste país, fez com que acreditassem no alvorecer que muitos poetas e cantores, escreveram e cantaram sem se cansarem.

Aqueles homens e mulheres, aquelas muitas famílias que tinham verdadeira consciência do mal que durante 48 anos atingiu este país, sonhou durante esses dias, que foram meses e foram anos, que era possível ter esperança nos dias do amanhã.

Mas, a besta, mesmo parecendo adormecida, nunca dorme. Fez-se sentir em inúmeras ocasiões, umas vezes mascarada, outras de cara destapada. Foi o 11 de Março, o 28 de Setembro, o 25 de Novembro e em tantas outras vezes.

Todos, com raras exceções, cantaram, enalteceram e até consagraram o socialismo nos seus programas partidários, e logo aí, os mais prevenidos, souberam das “tramas” que nos esperavam.

As máscaras, a política de mentira, a ganância dos poderosos e dos muitos dos seus servidores, fizeram um país desgraçado. Serviram-se da bandeja e saciaram-se até à exaustão.

Empanturraram-se e procuraram iludir todos como se tratasse de uma sociedade democrática, de paz, com pão, saúde, habitação, trabalho, e justiça mas que afinal nunca chegou a grande parte da população.

Através dos seus meios poderosos, muito poderosos, usaram e usam, abusaram e abusam da comunicação e da imagem, sem limites, para enganar constantemente o povo menos esclarecido.

Hoje, o povo, vive anestesiado, com medo de dias mais negros que possam estar para vir. Os mais velhos, aqueles que antes sofreram as consequências da besta dominante, durante 48 anos, relembram as muitas dificuldades de quando eram novos e viviam no seio das suas famílias e que muitos relatos de histórias verdadeiras, novamente lhes trazem à memória, sentimentos de descrença, de desânimo e de raiva.

Hoje, muitos dos mais velhos que saltaram “do outro mundo para este”, vivem dias amargurados, vítimas do medo. Muitos dos que já se sentiam

satisfeitos, com as suas parcas reformas (que em muitas das vezes não dão para o essencial), estão cada vez mais perturbados.

Enquanto alguns conseguiam benesses douradas por pretensos serviços públicos, outros, muitos milhares viram-se no desemprego, no intervalo das suas vidas, onde são novos para se reformarem e velhos para tornar a conseguirem trabalho.

Entretanto e com a adesão de Portugal à comunidade europeia, enquanto nos foram contando histórias de desenvolvimento e progresso, pretenderam-nos convencer das inevitáveis e controversas medidas, os muitos milhões e milhões, foram sendo sacados por amigos e comparsas.

A troco, destruíram grande parte da sustentabilidade da economia do país.

Destruíram grande parte da frota portuguesa, inventaram os mais absurdos dos prémios para o abate das embarcações de pesca, incentivou-se a captura de pescado, para ser pago e novamente deitado ao mar.

Destruíram a agricultura, chegando ao paradoxo de pagar para não produzir.

Destruíram-se empresas e empresas da indústria metalomecânica pesada, chegando-se ao cúmulo de mandar dismantelar uma empresa que era “exemplo” no país pelos resultados que apresentava, pela qualidade dos seus produtos e pelo alto nível social dos seus trabalhadores, que produziam e exportavam comboios por esse mundo fora.

Pergunta-se porquê?

Porque os nossos “amigos” poderosos da Europa mandaram e os nossos servis governantes, cumpriram exemplarmente as suas ordens e, assim ao contrário do que tanto propagandearam, em vez de desenvolverem, arruinaram este país.

Entretanto inventaram parcerias público-privadas, debitando escandalosos compromissos para o estado de que são exemplo os negócios dos hospitais e das auto estradas.

Aos arautos da livre concorrência dos mercados, do capitalismo no seu melhor, quando um dos seus bancos se “constipou”, logo fizeram que quem pagasse a fatura, fosse o povo que trabalha e paga impostos.

De seguida, os grandes políticos do poder nos quiseram descansar, dizendo aos quatro ventos que tais medidas eram imprescindíveis e não teriam impacto nas contas e no défice público.

Mentira!

Agora, os “fiscais” da União Europeia, viram cá e deram ordens: “contabilizem lá correctamente o défice público, acrescentem , entre outras coisas o dinheiro que meteram lá naquele banco!”.

Não há vergonha!

Não acontece nada, a culpa é sempre dos outros.

Se isto fosse um país de verdade, estávamos a construir mais cadeias.

Se isto fosse um país de verdade, provavelmente muitos dos candidatos às Legislativas, não o poderiam ser.

Tenho esperança que um dia, consigamos ser um país de verdade, que os trabalhadores e os mais humildes, tenham orgulho nos seus governantes.

Tenho esperança que os responsáveis políticos, particularmente, quando se dizem de “esquerda”, ao falarem do valor do ordenado mínimo, o possam fazer com dignidade.

Tenho esperança, de que quem trabalha, volte a entusiasmar-se, quando todos os dias tem que se deslocar para o seu trabalho.

Tenho esperança que hajam verdadeiras prioridades e que quando tivermos que ir a qualquer hospital central, não tenhamos vergonha do que encontramos. Por exemplo a sobrelotação do Santa Maria devia envergonhar-nos, já quando se trata do IPO, então é de raiva que se trata, por ver instalações tão indignas.

Como é possível um país fazer a Expo 98, fazer estádios para o Campeonato Europeu, construir o Centro Cultural de Belém e tantas outras demonstrações de riquismo e ao mesmo tempo desprezar aqueles que tanto sofrem.

O que fizeram ao nosso país não tem perdão.

Não acredito, que a receita do FMI e da União Europeia nos estão a impor, possam vir a resolver os problemas fundamentais.

Infelizmente é esta o retrato da nossa sociedade, o espelho com que não nos gostaríamos de confrontar diariamente.

Só se conseguirá enfrentar a crise, falando verdade ao povo, criando condições para se produzir, o que de essencial consumimos e aumentando a produção dos produtos possíveis de exportar.

Que o 25 de Abril se cumpra finalmente ou que se faça outro 25 de Abril.

Peniche, 25 de Abril de 2011

Henrique Bertino